

## OU ISTO OU AQUILO

### CECÍLIA MEIRELES

(Contra Capa)

OU ISTO OU AQUILO é um dos mais belos e importantes livros de poesia para criança, nascida da extrema sensibilidade de Cecília Meireles.

Os poemas falam dos sonhos e fantasias que povoam o mundo infantil.

A casa da avó, os jogos e brinquedos, os anjos, animais e flores ganham vida nos poemas suaves e musicais de Cecília Meireles.

Em 1987, a Nova Fronteira lançou uma edição de luxo, com belas ilustrações de Fernando Correia Dias, neta de Cecília.

Agora o livro aparece em uma nova edição destinada ao grande público e não menos bonita, com ilustrações de Beatriz Berman, artista plástica argentina radicada no Brasil e consagrada internacionalmente, tendo recebido, entre outros, o Prêmio de Desenho da Fundação Joan Miró, de Barcelona.

Este livro, publicado pela primeira vez em 1964, vem encantando sucessivas gerações e agrada não só às crianças, mas também aos jovens e adultos.

(Leitura de Orelha)

Ao ler este livro, você vai sentir que os poemas falam, com um jeito muito especial, de coisas que você já viu, já pensou, já sentiu, já experimentou, ou principalmente, já imaginou. As palavras de Cecília Meireles parecem mágicas, cheias de música e idéias. O que torna o poeta diferente das outras pessoas é uma sensibilidade muito grande e um talento especial para lidar com as palavras: elas ficam mais emocionantes e agradáveis de se ouvir. Na verdade, o poeta brinca com as palavras, escolhendo-as como se perguntasse a si mesmo, a todo momento: "Esta ou aquela?" O poeta as escolhe até conseguir escrever um texto diferente, bonito, interessante.

Um bom exemplo do que é a arte da poesia está logo no primeiro poema deste livro, "Colar de Carolina". Além de procurar rimas -- como em menina e Carolina --, repare como Cecília Meireles escolheu palavras que não rimam, mas combinam muito bem. ... o caso, por exemplo, de coral e colar que são formadas pelas mesmas letras. Em todo o poema parece que ela faz mágicas, principalmente com as consoantes, C, L, N, R, as mesmas encontradas nas palavras do título, colar e Carolina.

Juntar palavras que as pessoas normalmente não juntam para formar uma idéia -- como "prece de pelúcia" -- também faz parte da arte da poesia. Mas para o poeta, não basta apenas saber escolher bem as palavras: é preciso usá-las para comunicar alguma coisa, passar uma mensagem. Quando, por exemplo, Beatriz Berman fez os desenhos deste livro, suaves como a poesia de Cecília, ela precisou captar a mensagem de cada poema para poder fazer uma ilustração que também emocionasse.

Bem, você mesmo vai descobrir os encantos deste livro escrito por alguém que gostava de livros, histórias e palavras desde criança.

"Quando eu ainda não sabia ler -- conta Cecília Meireles --, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo." Como seus pais morreram muito cedo, Cecília foi criada pela avó, D. Jacinta, e pela Babá, Pedrinha. Eram elas que contavam histórias para a menina: a avó falava de fatos e lendas da terra de seus antepassados -- o arquipélago dos Açores --, e Pedrinha encantava a menina representando personagens, dançando e cantando, enquanto falava do Saci Pererê, de Mula-sem-cabeça e outras figuras do nosso folclore.

O amor de Cecília pela música fez com que ela estudasse contos, violão e violino. E, por gostar tanto de livros, acabou tornando-se uma professora dedicada às crianças, que ela amou muito especialmente.

E tudo o que ela escreveu é tão bom que vem passando de geração para geração, e ficamos na dúvida sobre o que é mais bonito: Será isto ou será aquilo?

## Sumário

Introdução -  
Colar de Carolina -  
Pescaria -  
Moda da menina trombuda -  
O cavalinho branco -  
Jogo de Bola -  
Tanta tinta -  
Bolhas -  
Leilão de jardim -  
Rio na sombra -  
Os carneirinhos -  
A bailarina -  
O mosquito escreve -  
A lua é do Raul -  
Sonhos da menina -  
O menino azul -  
As meninas -  
Rômulo rema -  
As duas velhinhas -  
O último andar -  
Canção de Dulce -  
A língua do nhem -  
Cantiga da babá -  
A avó do menino -  
O vestido de Laura -  
Enchente -  
Roda na rua -  
O eco -  
Rola a chuva -  
O menino dos FFe RR -  
Uma palmada bem dada -  
O tempo do temporal -  
A flor amarela -  
Canção da flor da pimenta -  
Na sacada da casa -  
O violão e o violão -  
Procissão de pelúcia -  
Sonhos de Olga -  
Os pescadores e suas filhas -  
Jardim da igreja -  
Uma flor quebrada -  
O sonho e a fronha -  
A folha na festa -  
O chão e o pão -  
A égua e a água -  
O passarinho no sapé -  
A pombinha da mata -

Cantiga para adormecer Lulu -  
Lua depois da chuva -  
Pregão do vendedor de lima -  
Figurinhas I -  
Figurinhas II -  
A chácara do Chico Bolacha -  
Canção -  
O lagarto medroso -  
Para ir à lua -  
O santo no monte -  
Ou isto ou aquilo

## INTRODUÇÃO

Você que vai ler este livro, não sei que idade terá. Não posso prever. Seja qual for, você terá uma surpresa, porque este é um livro mágico. Gostaria que você imaginasse a menina Cecília, sem pai nem mãe, apenas com sua avó Jacinta Garcia Benevides, debruçada sobre um tapete, descobrindo o mundo. Que tapete seria esse? Certamente parecido com esses que aparecem nas histórias orientais, com pássaros e flores, e muitos caminhos retorcidos onde ela imaginava o labirinto do sonho. As Solidão de menina, e da atenção sobre as coisas que passam, ou pelas quais passamos, se nutriu a poeta Cecília Meireles, que depois foi mãe, avó e mestra. Todas estas experiências estão neste livro, que é como aquele tapete povoado de mistérios. Cecília entendia as crianças. Transitou com leveza entre os netos que foram tão simples e curiosos como vocês. Foi colhendo uma coisa ali, outra acolá, um cachimbo dourado de cabelo, uma birra, até um pensamento triste, e transformou tudo em matéria de vida. Mas esta Cecília tinha um amor muito especial pela palavra. E resolveu brincar, fazer ciranda com os sons, entrelaçar os fatos com rimas ingênuas, musicar o pensamento. Leia em voz alta, sinta que está cantando. Estas coisas que hoje estão na boca de todo mundo, como medida de salvação, você pode encontrar neste livro. A paz, o amor, a solidariedade, até a solidão. Tudo é bom e bonito quando a gente acredita e pensa pra cima. Cecília também foi uma professora, mas sem regras fechadas. Ensinar como abrir a cortina de um palco, onde a beleza paira na ponta do pé, e tudo tem razão de ser. Vocês não imaginam como era o sorriso de Cecília. Tinha uma doçura e uma tolerância que só a boa mestra pode ter. De tal forma que nem era preciso mostrar-se carrancuda ou severa. Ela sorria e a gente se iluminava, como se houvesse um sino perdido anunciando boas ovas. Então a gente aprendia sem muito esforço, valorizando o silêncio, aprendendo a ver, a jogar com as palavras, a descobrir um sentido novo em cada imagem. ... com esta artimanha da inteligência ela ensinou coisas incríveis para crianças, como você que possivelmente me lê, e para adultos que um dia caíram na malha dourada do seu fascínio. Estou falando de poesia, estudando com aplicação a forma correta de colocar este livro em suas mãos, e de poder ajudar na descoberta de qualquer mínimo detalhe, desses que o respeito e o amor sempre conseguem revelar de forma nova. Tem um poema neste livro que me agrada sobremaneira. Ele se chama "O Último Andar", e Cecília diz:

"No último andar é mais bonito:  
do último andar se vê o mar.  
... lá que eu quero morar."

Hoje Cecília mora prazerosamente no último andar, e deixou em suas mãos a música perfeita de sua canção.

Walmir Ayala  
Rio de Janeiro, 1990

## **Colar de Carolina**

Com seu colar de coral,  
Carolina  
corre por entre as colunas  
da colina.

O colar de Carolina  
colore o colo de cal,  
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor  
do colar de Carolina,  
põe coroas de coral

nas colunas da colina.

## **Pescaria**

Cesto de peixes no chão.  
Cheio de peixes, o mar.  
Cheiro de peixe pelo ar.  
E peixes no chão.

Chora a espuma pela areia,  
na maré cheia.

As mãos do mar vêm e vão,  
as mãos do mar pela areia  
onde os peixes estão.

As mãos do mar vêm e vão,  
em vão.  
Não chegarão  
aos peixes do chão.

Por isso chora, na areia,  
a espuma da maré cheia.

## **Moda da Menina Trombuda**

... a moda  
da menina muda  
da menina trombuda  
que muda de modos  
e dá medo.

(A menina mimada!)

... a moda  
da menina muda  
que muda  
de modos  
e já não é trombuda.

(A menina amada!)

### **O Cavalinho Branco**

À tarde, o cavalinho branco  
está muito cansado:

mas há um pedacinho do campo  
onde é sempre feriado.

O cavalo sacode a crina  
loura e comprida

e nas verdes ervas atira  
sua branca vida.

Seu relincho estremece as raízes  
e ele ensina aos ventos

a alegria de sentir livres  
seus movimentos.

Trabalhou todo o dia, tanto!  
desde a madrugada!

Descansa entre as flores, cavalinho branco,  
de crina dourada!

### **Jogo de Bola**

A bela bola  
rola:  
a bela bola do Raul.

Bola amarela,  
a da Arabela.

A do Raul,  
azul.

Rola a amarela

e pula a azul.

A bola é mole,  
é mole e rola.

A bola é bela,  
é bela e pula.

... bella, rola e pula,  
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,  
e a de Arabela é de Raul.

### **Tanta Tinta**

Ah! Menina tonta,  
toda suja de tinta  
mal o sol desponta!

(Sentou-se na ponte,  
muito desatenta...  
E agora se espanta:  
Quem é que a ponte pinta  
Com tanta tinta?...)

A ponte aponta  
e se desaponta.  
A tontinha tenta  
limpa a tinta,  
ponto por ponto  
e pinta por pinta...

Ah! A menina tonta!  
Não viu a tinta da ponte!

### **Bolhas**

Olha a bolha d'água  
no galho!  
Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho  
na rolha!  
Olha a bolha!

Olha a bolha na mão

Que trabalha!

Olha a bolha de sabão  
na ponta da palha:  
brilha, espelha  
e se espalha.  
Olha a bolha!

Olha a bolha  
que molha  
a mão do menino:

A bolha da chuva da calha!

### **Rio na Sombra**

Som  
frio.

Rio  
sombrio.

O longo som  
do rio  
frio.

O frio  
bom  
do longo rio.  
Tão longe,  
tão bom,  
tão frio  
o claro som  
do rio  
sombrio!

### **Leilão de Jardim!**

Quem me compra um jardim  
com flores?

borboletas de muitas  
cores,

lavadeiras e  
passarinhos,

ovos verde e azuis  
nos ninhos?

Quem me compra este  
caracol?

Quem compra um raio  
de sol?

Um lagarto entre o muro  
e a hera,

Uma estátua da  
Primavera?

Quem me compra este  
formigueiro?

E este sapo, que é  
jardineiro?

E a cigarra e a sua  
canção?

E o grilinho dentro  
do chão?

(Este é o meu leilão!)

### **Os Carneirinhos**

Todos querem ser pastores,  
quando encontram, de manhã,  
os carneirinhos,  
enroladinhos  
como carretéis de lã.

Todos querem ser pastores  
e ter coroas de flores  
e um cajadinho na mão  
e tocar uma flautinha  
e soprar numa palhinha  
qualquer canção.

Todos querem ser cantores  
quando a Estrela da Manhã  
brilha só, no céu sombrio,  
e, pela margem do rio,

vão descendo os carneirinhos  
como carretéis de lã...

### **A bailarina**

Esta menina  
tão pequenina  
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré  
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá  
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,  
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no ar  
e não fica tonta bem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu  
e diz que caiu do céu.

Esta menina  
tão pequenina  
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,  
e também quer dormir como as outras crianças.

### **O Mosquito Escreve**

O mosquito pernilongo  
trança as pernas, faz um M,  
depois, treme, treme, treme,  
faz um O bastante oblongo,  
faz um S.

O mosquito sobe e desce.  
Com artes que ninguém vê,  
faz um Q,  
faz um U, e faz um I.

Este mosquito  
esquisito  
cruza as patas, faz um T.

E aí,  
se arredonda e faz outro O,  
mais bonito.

Oh!  
Já não é analfabeto,  
esse inseto,  
pois sabe escrever seu nome.

Mas depois vai procurar  
alguém que possa picar,  
pois escrever cansa,  
não é, criança?

E ele está com muita fome.

### **A Lua é do Raul**

Raio de lua.  
Luar.  
Luar do ar  
azul.

Roda da lua.  
Aro da roda  
na tua  
rua,  
Raul!

Roda o luar  
na rua  
toda azul.

Roda o aro da lua.

Raul,  
a lua é tua,  
a lua de tua rua!

A lua do aro azul!

### **Sonhos da Menina**

A flor com que a menina sonha  
está no sonho?  
ou na fronha?

Sonho

risonho:

O vento sozinho  
no seu carrinho.

De que tamanho  
seria o rebanho?

A vizinha  
apanha  
a sombrinha  
de teia de aranha ...

Na lua há um ninho  
de passarinho.

A lua com que a menina sonha  
é o linho do sonho  
ou a lua da fronha?  
O Menino Azul

O menino quer um burrinho  
para passear.  
Um burrinho manso,  
que não corra nem pule,  
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho  
que saiba dizer  
o nome dos rios,  
das montanhas, das flores,  
- de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho  
que saiba inventar histórias bonitas  
com pessoas e bichos  
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo  
que é como um jardim  
apenas mais largo  
e talvez mais comprido  
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,  
pode escrever  
para a Ruas das Casas,  
Número das Portas,  
ao Menino Azul que não sabe ler.)

## **As Meninas**

Arabela  
abria a janela.

Carolina  
erguia a cortina.

E Maria  
olhava e sorria:  
"Bom dia!"

Arabela  
foi sempre a mais bela.

Carolina,  
a mais sábia menina.

E Maria  
apenas sorria:  
"Bom dia!"

Pensaremos em cada menina  
que vivia naquela janela;  
uma que se chamava Arabela,  
outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade  
é Maria, Maria, Maria,  
que dizia com voz de amizade:  
"Bom dia!"

## **Rômulo Remo**

Rômulo rema no rio.

A romã dorme no ramo,  
a romã rubra. (E o céu.)

O remo abre o rio.  
O rio murmura.

A romã rubra dorme  
cheia de rubis. (E o céu.)

Rômulo rema no rio.

Abre-se a romã.  
Abre-se a manhã.

Rolam rubis rubros do céu.

No rio,  
Rômulo rema.

### **O eco**

O menino pergunta ao eco  
onde é que ele se esconde.  
Mas o eco só responde: “Onde? Onde?”

O menino também lhe pede:  
“Eco, vem passear comigo!”

Mas não sabe se o eco é amigo  
ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:  
“Migo!”

### **As duas velhinhas**

Duas velhinhas muito bonitas,  
Mariana e Marina,  
estão sentadas na varanda:  
Marina e Mariana.

Elas usam batas de fitas,  
Mariana e Marina,  
e penteados de tranças:  
Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas,  
Mariana e Marina,  
em xícaras de porcelana:  
Marina e Mariana.

Uma diz: “Como a tarde é linda,  
não é Marina?”  
A outra diz: “Como as ondas dançam,  
não é, Mariana?”

“Ontem, eu era pequenina”,  
diz Marina.

“Ontem, nós éramos crianças”,  
diz Mariana.

E levam à boca as xicrinhas,  
Mariana e Marina,  
as xicrinhas de porcelana:  
Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas,  
Mariana e Marina.  
E falam de suas lembranças,  
Marina e Mariana.

### **O último andar**

No último andar é mais bonito:  
do último andar se vê o mar.  
... lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:  
custa-se muito a chegar.  
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira  
sobre o último andar.  
... lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço  
fica todo o luar.  
... lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,  
para ninguém os maltratar:  
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:  
tudo parece perto, no ar.  
... lá que eu quero morar:

no último andar.

### **Canção de Dulce**

Dulce, doce Dulce,

menina do campo,  
de olhos verdes de água  
de água e pirilampo.

Doce Dulce, doce  
dócil, estendendo  
pelo sol lençóis  
entre anil e vento.

Dócil, doce Dulce  
de face vermelha,  
doce rosa airosa  
a fugir da abelha

da abelha, de vespas  
e besouros tontos  
pelo arroio de ouro  
de seixos redondos...

### **A língua do nhem**

Havia uma velhinha  
que andava aborrecida  
pois dava a sua vida  
para falar com alguém.

E estava sempre em casa  
a boa da velhinha,  
resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia  
no canto da cozinha  
escutando a velhinha,  
principiou também

a miar nessa língua  
e se ela resmungava,  
o gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro  
da casa da vizinha,  
pato, cabra e galinha,  
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam  
a falar noite e dia  
naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha  
que muito padecia  
por não ter companhia  
nem, falar com ninguém,

ficou toda contente,  
pois mal a boca abria  
tudo lhe respondia:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

### **Cantiga da babá**

Eu queria pentear o menino  
como os anjinhos de caracóis.  
Mas ele quer cortar o cabelo,  
porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino  
com umas botinhas de cetim.  
Mas ele diz que agora é sapinho  
e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino  
umas asinhas de arame e algodão.  
Mas ele diz que não pode ser anjo,  
pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando,  
dizendo-me coisas assim.  
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,  
um anjo que troça de mim.)

### **A avó do menino**

A avó  
vive só.  
Na casa da avó  
o galo liró  
faz “cocorocó!”  
A avó bate pão-de-ló

e anda um vento-t-o-tó  
na cortina de filó.

A avó  
vive só.  
Mas se o neto meninó  
mas se o neto Ricardó  
mas se o neto travessó  
vai à casa da avó,  
os dois jogam dominó.

### **O vestido de Laura**

O vestido de Laura,  
é de três babados,  
todos bordados.

O primeiro, todinho,  
todinho de flores  
de muitas cores.

No segundo, apenas  
borboletas voando,  
num fino bando.

O terceiro, estrelas,  
estrelas de renda  
-- talvez de lenda...

O vestido de Laura  
vamos ver agora,  
sem mais demora!

Que as estrelas passam,  
borboletas, flores  
perdem suas cores.

Se não formos depressa,  
acabou-se o vestido  
todo bordado e florido!

### **Roda na rua**

Roda na rua

a roda do carro.  
Roda na rua a roda das danças.  
A roda na rua  
rodava no barro.  
Na roda da rua  
rodavam crianças.  
O carro, na rua.

### **Enchente**

Chama o Alexandre!  
Chama!

Olha a chuva que chega!  
... a enchente.  
Olha o chão que foge com a chuva...

Olha a chuva que encharca a gente.  
Põe a chave na fechadura.  
Fecha a porta por causa da chuva,  
olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira  
no fogo: olha a chama! Olha a chispa!  
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva  
é tanta que nem de galocha  
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!  
Chama!

Rola a chuva

O frio arrepia  
a moça arredia.

Arre  
que arrelia!

Na rua rola a roda...  
Arreda!  
A rola arrulha na torre.

A chuva sussurra.

Rola a chuva

rega a terra  
rega o rio  
rega a rua.

E na rua a roda rola.

### **O menino dos FF e RR**

O menino dos ff e rr

é o Orfeu Orofilo Ferreira:

Ai com tantos rr, não erres!

### **Uma palmada bem dada**

... a menina manhosa  
que não gosta da rosa,

que não quer a borboleta  
porque é amarela e preta,

que não quer maçã nem pêra  
porque tem gosto de cera,

que não toma leite  
porque lhe parece azeite,

que mingau não toma  
porque é mesmo goma,

que não almoça nem janta  
porque cansa a garganta,

que tem medo do gato  
e também do rato,

e também do cão  
e também do ladrão,

que não calça meia  
porque dentro tem areia,

que não toma banho frio  
porque sente arrepio,

que não quer banho quente  
porque calor sente,

que a unha não corta  
porque sempre fica torta,

que não escova os dentes  
porque ficam dormentes,

que não quer dormir cedo  
porque sente imenso medo;

que também tarde não dorme  
porque sente um medo enorme,

que não quer festa nem beijo,  
nem doce nem queijo...

Ó menina levada,  
quer uma palmada?

Uma palmada bem dada  
para quem não quer nada!

### **O tempo do temporal**

O tempo  
do temporal.  
O tempo ao tempo  
ao ar  
e ao pó  
do temporal.  
E o doente ao pé do templo.  
E o temporal no poente.  
E o pó no doente.

O tempo do doente.

O ar, o pó do poente.  
O temporal do tempo.

### **A flor amarela**

Olha  
a janela  
da bela  
Arabela.

Que flor  
é aquela  
que Arabela  
molha?

... uma flor amarela.

### **Canção da flor da pimenta**

A flor da pimenta é uma pequena estrela,  
fina e branca,  
a flor da pimenta.

Frutinhas de fogo vêm depois da festa  
das estrelas.  
Frutinhas de fogo.

Uns coraçõezinhos roxas, áureos, rubras,  
muito ardentes.  
Uns coraçõezinhos.

E as pequenas flores tão sem firmamento  
jazem longe.  
As pequenas flores...

Mudaram-se em farpas, sementes de fogo  
tão pungentes!  
Mudaram-se em farpas.

Novas se abrirão,  
leves,  
brancas,  
puras,  
deste fogo,  
muitas estrelinhas...

### **Na sacada da casa**

Na  
sacada  
a saca  
da caçada.  
Na sacada da casa.  
E a casada  
na calçada.

Quem se casa  
de casaca?

Na sacada da casa  
a saca.  
Na saca, a asa.  
Asa e alça.  
A saca da caça.

Quem se alça  
da sacada  
para a calçada?  
A menina descalça.  
A menina calada.

E na calçada da casa,  
a casada.

### **O violão e o vilão**

Havia a viola da vila.  
A viola e o violão.

Do vilão era a viola.  
E da Olívia o violão.

O violão da Olívia dava  
vida à vila, à vila dela.

O violão duvidava  
da vida, da viola e dela.

Não vive Olívia na vila.  
Na vila nem na viola.  
O vilão levou-lhe a vida,  
levando o violão dela.

No vale, a vila de Olívia  
vela a vida  
no seu violão vivida  
e por um vilão levada.

Vida de Olívia -- levada  
por um vilão violento.  
Violeta violada  
pela viola do vento.

## Procissão de pelúcia

Aonde é que vai o praça

que passa  
de peliça,  
com pressa,  
na praça?

Ia pôr uma compressa  
depressa  
no rei da Prússia?

Mas o praça  
não sabe o preço  
para ir da praça  
à Prússia.

E não há Prússia  
nem praça  
nem peliça  
nem compressa  
nem praça  
nem preço  
nem pressa...

Há uma procissão  
que passa  
que passa na praça

só com preces  
de pelúcia...

## Sonho de Olga

A espuma escreve  
com letras de alga  
o sonho de Olga.

Olga é a menina que o céu cavalga  
em estrela breve.

Olga é a menina que o céu afaga  
e o seu cavalo em luz se afoga  
e em céu se apaga.

A espuma espera  
o sonho de Olga.

A estrela de Olga chama-se Alfa.  
Alfa é o cavalo de estrela de Olga.

Quando amanhece, Olga desperta  
e a espuma espera  
o sonho de Olga,

a espuma escreve  
com letras de alga  
a cavalgada da estrela Alfa.

A espuma escreve com algas na água  
o sonho de Olga...

### Os pescadores e suas filhas

Os pescadores dormiam  
cansados, ao sol, nos barcos.

As filhinhas dos pescadores  
brincavam na praça, de mãos dadas.

As filhinhas dos pescadores  
cantavam cantigas de sol e de água.

Os pescadores sonhavam  
com seus barcos carregados.

Os pescadores dormiam  
cansados de seu trabalho.

As filhinhas dos pescadores  
falavam de beijos e abraços.

Em sonho, os pescadores sorriam.  
As meninas cantavam tão alto,

que até no sonho dos pescadores  
boiavam as suas palavras.

### Jardim da igreja

Dalila e Lélia,  
e Júlia e Eulália  
cortavam dalias.

Dalila e Lélia,  
Eulália e Júlia  
cantavam dúlias.

Dálias e dúlias  
E harpas eólias...

E a alada lua  
-- alta camélia?  
-- célia magnólia?

### Uma flor quebrada

A raiz era escrava,  
descabelada negrinha  
que dia e noite ia e vinha  
e para a flor trabalhava.

E a árvore foi tão bela!  
Como um palácio. E o vento  
pediu um casamento  
a grande flor amarela.

Mas a festa foi breve,  
pois era um vento tão forte  
que em vez de amor trouxe morte  
à airosa flor tão leve.

E a raiz suspirava  
com muito sentimento.  
Seu trabalho onde estava?  
Todo perdido com o vento.

### O sonho e a fronha

Sonho risonho  
na fronha de linho.  
Na fronha de linho,  
a flor sem espinho.

Apanho a lenha  
para o vizinho.

E encontro o ninho  
de passarinho.

De que tamanho

seria o rebanho?

Não há quem venha  
pela montanha  
com a minha sombrinha  
de teia de aranha?

Sonho o meu sonho.  
A flor sem espinho  
também sonha  
na fronha.

Na fronha de linho.

### A folha na festa

Esta flor  
não é da floresta.

Esta flor é da festa,  
esta é a flor da giesta.

... a festa da flor  
e a flor está na festa.

(E esta folha?  
Que folha é esta?)

Esta folha não é da floresta.

Esta folha não é da giesta.

Não é folha da flor.  
Mas está na festa.

Na festa da flor  
na flor da giesta.

### O chão e o pão

O chão.  
O grão.  
O grão no chão.

O pão.  
O pão e a mão.  
A mão no pão.

O pão na mão.  
O pão no chão?  
Não.

### A égua e a água

A égua olhava a lagoa  
com vontade de beber água.

A lagoa era tão larga  
que a égua olhava e passava.

Bastava-lhe uma poça d'água,  
ah! Mas só daqui a algumas léguas.

E a égua a sede agüentava.

A água andava agora às cegas  
de olhos vagos nas terras vagas,  
buscando água.

Grande mágoas!

Pois o orvalho é uma gota exígua  
e as lagoas são muito largas.

### O passarinho do sapé

P tem papo  
o P tem pé.  
... o P que pia?

(Piu!)

Quem é?  
O P não pia:  
O P não é.  
O P só tem papo  
e pé.

Será o sapo?  
O sapo não é.

(Piu!)

... o passarinho  
que fez seu ninho  
no sapé.

Pio com papo.  
Pio com pé.  
Piu-piu-piu:  
Passarinho.

Passarinho  
no sapé.

### A Pombinha da Mata

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com fome",  
disse o primeiro,  
"e não tem nada para comer."

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha carpir.

"Eu acho que ela ficou presa",  
disse o segundo,  
"e não sabe como fugir."

Três meninos na mata ouviram  
uma pombinha gemer.

"Eu acho que ela está com saudade",  
disse o terceiro,  
"e com certeza vai morrer."

### Cantiga para adormecer Lulu

Lulu, lulu, lulu, lulu  
vou fazer uma cantiga  
para o anjinho de São Paulo  
que criava uma lombriga.

A lombriga tinha uns olhos  
de rubim.  
Tinha um rabo revirado  
no fim.

Tinha um focinho bicudo  
assim.  
Tinha uma dentuça muito  
ruim.

Lulu, lulu, lulu, lulu  
vou fazer uma cantiga  
para o anjinho de São Paulo  
que criava essa lombriga.

A lombriga devorara  
seu pão  
a banana, o doce, o queijo,  
o pião.

A lombriga parecia  
um leão.

E o anjinho andava triste  
e chorão.

Lulu, lulu, lulu, lulu  
Pois eu faço esta cantiga  
para o anjinho de São Paulo  
que alimentava a lombriga.

A lombriga ia fiando maior  
que o anjinho de São Paulo!  
(Que horror!)

Mas um dia chega um  
caçador!  
Firma a sua pontaria,  
sem rumor.

Lulu, lulu, lulu, lulu  
paro até minha cantiga  
sobre o anjinho de São Paulo!

A espingarda faz pum pum!  
pim pim!  
O anjinho abana as asas  
assim,

A lombriga salta fora  
enfim!  
(E foi correndo! E tocava  
bandolim!)

### Lua depois da chuva

Olha a chuva:  
molha a luva.

Cada gota de água  
Como um bago de uva.

A chuva lava a rua.  
A viúva leva  
o guarda-chuva  
e a luva.

Olha a chuva:  
molha a luva  
e o guarda-chuva  
da viúva.

Vai a chuva  
e chega a lua:  
lua de chuva.

### Pregão do vendedor de lima

Lima rima  
pela rama  
lima rima  
pelo aroma.

O rumo é que leva o remo.  
O remo é que leva a rima.

O ramo é que leva o aroma  
porém o aroma é da lima.

... da lima o aroma  
a aromar?

... da lima-lima  
lima da limeira  
do auro da lima  
o aroma de ouro  
do ar!

### Figurinhas I

No claro jardim  
a menina chora  
pela borboleta  
que se foi embora.

Ora, ora, ora,  
Não chore tanto!  
Nossa Senhora!

A menina chora  
no claro jardim  
um choro sem fim.

Nem o céu azul  
é bonito, agora,  
pois a borboleta  
já se foi embora.

Não chore tanto!  
Nossa Senhora!

Que choro sem fim  
a menina chora  
no claro jardim.

Ora, ora, ora!

## Figurinhas II

Onde está meu quintal  
amarelo e encarnado,  
com meninos brincando  
de chicote-queimado,  
com cigarras nos troncos  
e formigas no chão,  
e muitas conchas brancas  
dentro da minha mão?

E Julia e Maria  
e Amélia onde estão?

Onde está meu anel  
e o banquinho quadrado  
e o sabiá na mangueira  
e o gato no telhado?

-- a moringa de barro,  
e o cheiro do alvo pão?

E a tua voz, Pedrina,  
sobre meu coração?  
Em que altos balanços  
se balançarão?...

### A chácara do Chico Bolacha

Na chácara do Chico Bolacha  
o que se procura  
nunca se acha!

Quando chove muito,  
O Chico brinca de barco,  
porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,  
Chico trabalha com a enxada  
e logo se machuca  
e fica de mão inchada.

Por isso, com Chico Bolacha,  
o que se procura  
nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico  
só tem mesmo chuchu  
e um cachorrinho coxo  
que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procura,  
porque não acha.  
Coitado do Chico Bolacha!

### Canção

De borco  
no barco.  
(De bruços  
no berço...)

O braço é o barco.  
O barco é o berço.

Abarco e abraço  
o berço  
e o barco.

Com desembarço  
embarco  
e desembarco.

De borco  
No berço...  
(De bruços  
no barco...)

### O lagarto medroso

O lagarto parece uma folha  
verde e amarela.  
E reside entre as folhas, o tanque  
e a escada de pedra.  
De repente sai da folhagem,  
depressa, depressa  
olha o sol, mira as nuvens e corre  
por cima da pedra.  
Bebe o sol, bebe o dia parado,  
sua forma tão quieta,  
não se sabe se é bicho, se é folha  
caída na pedra.  
Quando alguém se aproxima,

-- oh! Que sombra é aquela? --  
o lagarto logo se esconde  
entre folhas e pedra.

Mas, no abrigo, levanta a cabeça  
assustada e esperta:  
que gigantes são esses que passam  
pela escada de pedra?  
Assim vive, cheio de medo,  
intimidado e alerta,  
o lagarto (de que todos gostam)  
entre as folhas, o tanque e a pedra.

Cuidadoso e curioso,  
o lagarto observa.  
E não vê que os gigantes sorriem  
para ele, da pedra.  
Assim vive, cheio de medo,  
intimidado e alerta,  
o lagarto (de que todos gostam)  
entre as folhas, o tanque e a pedra.

## Para ir à Lua

Enquanto não têm foguetes  
para ir à Lua  
os meninos deslizam de patinete  
pelas calçadas da rua.

Vão cegos de velocidade:  
mesmo que quebrem o nariz,  
que grande felicidade!  
Ser veloz é ser feliz.

Ah! se pudessem ser anjos  
de longas asas!  
Mas são apenas marmanjos.

## O santo no monte

No monte,  
o Santo  
em seu manto,  
sorria tanto!

Sorria para uma fonte  
que havia no alto do monte  
e também porque defronte  
se via o sol no horizonte.

No monte  
o Santo  
em seu manto  
chora tanto!

Chora – pois não há mais fonte,  
e agora há um muro defronte  
que já não deixa do monte  
ver o sol nem o horizonte.

No monte  
o Santo  
em seu manto  
chora tanto!

(Duro  
muro  
escuro!)

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

... uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo ...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.